

Fenómenos fonéticos em fronteira de palavra nos dialetos portugueses¹

Phonetic phenomena at word boundaries in Portuguese dialects

Maria Luísa Segura da CRUZ*

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)

RESUMO: O artigo apresenta dois fenómenos: (1) inserção de semivogais entre vogais para evitar hiato; (2) alteração de timbre de uma ou das duas vogais em contacto. Caracterizam-se os respetivos contextos de ocorrência e extensão geográfica, ilustrada, quando pertinente, com mapas. Em (1) acrescenta-se à inserção da semivogal palatal, já conhecida, casos, praticamente desconhecidos, de inserção da semivogal velar. A inserção de uma ou de outra está condicionada, pelo ponto de articulação e sobretudo pelo acento. Quando a vogal da direita é acentuada ocorre a semivogal palatal. Quando a vogal da direita é átona é a semivogal velar que aparece. Em (2) apresentam-se casos em que a vogal da direita passa de fechada a aberta e outros em que ambas as vogais se alteram, chegando a inverter-se os graus de abertura das vogais em presença. Procura-se uma interpretação para estes fenómenos.

PALAVRAS-CHAVE: hiato; inserção de semivogal; tonicidade e atonicidade; alteração de timbre; dialetos portugueses.

ABSTRACT: I present two vocalic phenomena: (1) the insertion of semivowels between two vowels to avoid the hiatus; (2) the change in timbre of one or of the two vowels in contact. I characterize the phenomena in context, indicate their geographical distribution, and present some maps. At (1) the study revealed, in addition to the palatal semivowel, cases of insertion of the velar semivowel. The selection of the semivowel is conditioned specifically by the accent. In cases where on the right occurs an accented vowel, it is the palatal semivowel that occurs. In cases where on the right occurs an unstressed vowel it is the velar semivowel that appears. At (2) I present two phenomena: the vowel on the right changes, going from closed to open; second, both vowels suffer changes, even inverting the degrees of opening of the vowels in presence. I seek an explanation for these phenomena.

KEYWORDS: hiatus; insertion of semivowels; presence/absence of a tonic accent; change in timbre; Portuguese dialects

¹ Este texto amplia estudo apresentado no artigo "Estratégias para evitar o hiato nos dialetos portugueses" (no prelo) que tratou essencialmente da inserção de semivogais para evitar o hiato. Esse artigo será publicado em Isabel Molina Martos; Esther Hernández; Pedro Martín Butragueño y Eva Mendieta (eds.), na obra *Caminos y palabras. Estudios de variación lingüística dedicados a Pilar García Mouton*, Valencia: Tirant lo Blanch. A discussão aqui apresentada refere-se também à alteração de timbre das vogais em contacto, com especial ênfase num caso específico, ainda não descrito, que tem lugar apenas no arquipélago da Madeira. Apresento neste trabalho também mais um mapa relativo à inserção de semivogais. Agradeço a Raíssa Gillier a ajuda na respetiva preparação.

* Doutora em Linguística Portuguesa pela Universidade de Lisboa em 1988. Investigadora Auxiliar no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. E-mail: mlu.segura@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como propósito observar diversos fenómenos que ocorrem nos dialetos portugueses em fronteira de palavras provocando modificações, entre as quais avultam, por um lado, a inserção de semivogais para evitar hiato, e, por outro, a alteração de timbre de uma ou das duas vogais em contacto, com ou sem o mesmo objetivo.

O estudo tem por base a observação do *corpus* dialetal do Arquivo Sonoro do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), reunido para a elaboração do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)*². O *corpus* de análise para este trabalho foi sendo constituído, na sua maior parte, à medida que decorria o trabalho de transcrição dos inquéritos que me foram atribuídos, a partir do momento em que me dei conta da diversidade e da novidade de situações que o tema apresentava. A esse *corpus*, acrescentei contributos dos meus colegas³ e ainda o resultado de audições, mais ou menos sistemáticas, sempre que feitas com o objetivo de averiguar a dimensão geográfica de alguns fenómenos.

Os casos referenciados e os exemplos reproduzidos foram, portanto, todos obtidos espontaneamente, ou nas próprias respostas dos informantes às perguntas do Questionário, ou nos textos espontâneos⁴ recolhidos sistematicamente com o objetivo de servir de campo de observação para o estudo da sintaxe.

A intenção da análise apresentada é revelar situações menos conhecidas e sobretudo descrever os contextos de ocorrência dos vários casos em que os fenómenos se manifestam. Paralelamente, apresenta-se a distribuição geográfica dos casos analisados.

Entre os fenómenos observados, manifesta-se, de longe, como mais frequente e sobretudo mais generalizado aquele que tem por objetivo evitar o hiato entre vogais em contacto, pelo que será este aspeto o que merecerá o desenvolvimento principal.

² A rede do ALEPG é constituída por 212 pontos de inquérito, repartidos por Portugal continental, arquipélagos dos Açores e da Madeira e alguns pontos em Espanha, em localidades fronteiriças. As recolhas de dados no território nacional foram concluídas em 1998.

³ Agradeço a Gabriela Vitorino e a João Saramago as informações que me foram dando relativas aos inquéritos trabalhados por eles. Pude ainda beneficiar da consulta dos preciosos cadernos pessoais de inquéritos da nossa saudosa colega e amiga Manuela Barros, que generosamente os tinha posto à disposição da equipe.

⁴ Esses textos são constituídos geralmente por narrativas de atividades tradicionais, descrições de usos, festas, acontecimentos locais e pessoais, que permitem, paralelamente, reunir informação etnográfica.

O caso mais conhecido, e que certamente já muitos terão tido ocasião de ouvir, é aquele que corresponde, por exemplo, à realização [ɐ j'almɐ] para *a alma*. Consiste na inserção de uma semivogal para desfazer o hiato existente entre duas vogais centrais, uma átona e uma tónica, pertencentes a vocábulos diferentes. Por sua vez, outros casos de existência de hiato, que é evitado, e de que me ocuparei, escapam mais facilmente à observação e não têm sido descritos. Tal fenómeno acontece, provavelmente, porque ou têm uma existência circunscrita a áreas geográficas mais limitadas, ou porque, em certos casos, podem também ocorrer na variedade-padrão e, como tal, parecem um caso normal, que não merece especial atenção; refiro-me aqui à inserção, nuns casos, da semivogal velar [w] e, noutros casos, da semivogal palatal [j] como no primeiro caso assinalado, mas desta vez entre duas vogais diferentes.

1 Inserção de semivogais

Em fronteira de palavras, um dos processos de que os dialetos se servem para bloquear o hiato repete um dos casos que se revelaram frequentes ao longo da história da língua: a inserção de uma semivogal entre as duas vogais em presença⁵. Leite de Vasconcellos, em 1901, refere *i* e *u*: “L’hiatus entre deux voyelles orales est évité par l’intercalation d’un *i* ou d’un *u*, par ex. *a i água* (Norte e Centro), *é i um* (Sul), *já u a vi* (Norte, Centro e algumas regiões do Alto-Alentejo)” (1970 [1901], p. 77).

1.1 Inserção de semivogal palatal [j]

1.1.1 Inserção de [j] entre vogais centrais

⁵ Refiro-me aos muito frequentes casos de hiato que existiram no interior de palavra, sempre que por evoluções diversas (normalmente por síncope das consoantes oclusivas sonoras, especialmente *d* e de *-n-* e *-l-* em posição intervocálica) se deu o encontro de duas vogais em sílabas diferentes; esses hiatos foram sistematicamente evitados por processos vários: (i) **crase** de vogais, geralmente se as vogais eram iguais (como em *solu* > *soo* > *só*); (ii) **ditongação**, por inserção de uma semivogal, se as vogais eram diferentes, uma tónica e uma átona (*arena* > *are.a* > *areia*), ou passagem de uma das vogais a semivogal (*coelu* > *ce.o* > *céu*); (iii) **assimilação** por consoante da mesma natureza (*rigidu* > *rigiu* > *rigeo* > *rijo*); (iv) **epêntese de consoante nasal** (*vinu* > *vĩ.o* > *vinho*; *una* > *ũa* > *uma*). A resolução de alguns desses casos terá começado ainda na fase do Português Antigo, tendo-se consolidado durante a fase do Português Médio (séc. XV).

O caso mais comum, como já foi referido, é a inserção de iode entre duas vogais com o mesmo ponto de articulação, duas vogais centrais, uma átona à esquerda e uma tónica aberta à direita, pertencentes a vocábulos diferentes:

(1)

- a. **a água** [ɐ j'aɣwɐ]
- b. **uma asa** [umɐ j'azɐ]
- c. **Beira Alta** [b'ejrɐ j'altɐ]
- d. **na minha arte** [nɐ m'iɲɐ j'arti]
- e. **ainda há** [ĩdɐ j'a] disso
- f. **ela abre** ['ɛlɐ j'aβri]

❖ A vogal tónica central à direita pode ser fechada:

(2)

- a. **trinta anos** [trĩtɐ j'ɛnuʃ]
- b. **tia Ana** [t'ie j'ɛnɐ]

❖ A vogal tónica à direita pode ser nasal:

(3)

- a. **a casa era toda ampla** [t'oðɐ j' ẽ plɐ]
- b. **a anca** [ɐ j' ẽ kɐ] do cavalo

❖ O hiato é igualmente evitado nos casos em que as duas vogais, a da esquerda e a da direita, são tónicas, podendo a da direita ser fechada e nasal:

(4)

- a. **aqui há água** [ɛk'i 'a j'aɣwɐ]
- b. **é que nem as cá há** [nẽj ɛʃ k'a j'a]
- c. **aqui já há** [ɛk'i ʒ'a j'a]
- d. **aqui há anos** [ɛk'i 'a j'ɛnuʃ]
- e. **lá andam** [l'a j' ẽdẽw]

A inserção da semivogal palatal entre duas vogais centrais é facilmente identificada por qualquer português como uma característica própria dos falantes do Norte ou do Norte e Centro do país. Apesar de ser um traço dialetal, na medida em que não se manifesta no português-padrão⁶, tem, contudo, grande vitalidade na área em que vigora e, de uma maneira geral, é aceite e praticado por pessoas de todos os graus de escolaridade. Distingue-se, assim, de outros traços dialetais, que são muitas vezes evitados pelos falantes mais cultos ou que fazem questão de praticar o português-padrão, mesmo não sendo a sua variedade de origem.

Esse fenómeno é antigo na língua e vem já descrito por alguns gramáticos e ortógrafos dos séculos passados, como se comprova nos excertos que se transcrevem a seguir: da *Ortografia da lingua portugueza* de João Franco Barretto que, em 1671, se lhe refere nesses termos:

He esta letra *a* fatal para os de entre Douro e Minho, e Beirões, seguindo-se-lhe outro *a*, porque não os podem pronunciar ambos, ù de tras do outro, sê lhes meter de permeyo ù *y*, e assi, havendo de dizer *a agua*, *a alma*, infallivelmente hã de dizer *ay agua*, *ay alma* (Barretto, 1671, *apud* Vasconcellos [1901] 1970, p. 53).

Cerca de cinquenta anos mais tarde, Argote (1725, p. 294) reconhecia, nesses termos, a tolerância face ao hiato que a área do português-padrão manifestava: “Difere outrossim, o dialecto da Beira do da Estremadura porque às palavras que começam por *A*, acrescentam muitas vezes a letra *I*: *água* dizem *aiágua*, *a alma*, dizem *aialma*”.

Desde o fim do séc. XIX, com o início da publicação da *Revista Lusitana*⁷, que consagra vários artigos à apresentação da “linguagem popular” de localidades em vários pontos do país, vem referida a existência desse fenómeno – por exemplo, Lopo (1895, p. 325) sobre Valpaços (Trás-os-Montes) ou Vasconcellos (1896, p. 16) sobre Castelo de Vide (Alto Alentejo) –, o mesmo acontecendo, já no séc. XX, em monografias dialetais referentes a localidades nas áreas em que o mesmo ocorre – por exemplo, Pereira (1970, p. 87) sobre o Soajo (Minho); Buescu (1961, p. 132) sobre Monsanto (Beira Baixa);

⁶ Tradicionalmente considera-se como português-padrão, correspondendo à norma-padrão do português europeu “o conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa-Coimbra” (Cunha e Cintra 1984, p. 10).

⁷ O primeiro número da *Revista Lusitana*, dirigida por Leite de Vasconcellos, está referenciado a 1887-1989.

Baptista (1967, p. 85) sobre Escusa (Alto Alentejo). Mais recentemente, o assunto tem suscitado renovado interesse, quer para determinar a extensão de ocorrência do fenómeno (Segura, 2013) quer para o caracterizar numa perspetiva sociolinguística e prosódica, “considerando a (frequência) de ocorrência [...] em função de condições prosódicas, distribuição geográfica, modalidade discursiva e idade” (Oliveira *et al.* 2014, p. 420). Esse estudo foi realizado em quatro localidades, duas no distrito de Viana do Castelo e duas no do Porto. Posteriormente, os mesmos autores alargaram o número de pontos estudados para sete, englobando uma das localidades mais ao Sul identificada em Segura (2013) (Oliveira *et al.*, 2017). Esses estudos contribuirão para um cabal conhecimento não só dos contextos, mas também das condições de ocorrência do fenómeno, revelando simultaneamente a vitalidade ou a eventual perda do mesmo nas localidades analisadas.

A distribuição geográfica desse fenómeno em Portugal continental está representada no Mapa 1 a seguir:

Mapa 1 - Limite meridional de inserção de [j] entre vogais centrais



Fonte: Elaboração da autora com base no *corpus* dialetal do Arquivo Sonoro do CLUL

O hiato é evitado pela inserção da semivogal numa extensa área que cobre todo o Norte e parte do Centro do país. A isoglossa que delimita as duas áreas atravessa o país obliquamente, partindo do litoral ligeiramente a norte de Vieira de Leiria, atravessa quase em linha reta o norte do distrito de Leiria e inflete depois para sul, tomando a direção até à fronteira com Espanha, na parte norte do distrito de Portalegre. Nos dialectos insulares, o comportamento face ao hiato entre duas vogais centrais coincide com o que é próprio do português-padrão, ou seja, o hiato é tolerado, não se verificando inserção de semivogal anti-hiática nem na norma-padrão madeirense, nem na açoriana; contudo, foi registado esporadicamente em alguns falantes açorianos das ilhas de São Miguel, Santa Maria e Terceira.

1.1.2 Outras distribuições da inserção da semivogal palatal com vogal central

A semivogal palatal pode ocorrer também entre duas vogais centrais, situando-se a tónica [a] à esquerda e a átona [ɐ] à direita:

(5)

- a. as pias **há-as** ['a jɐʃ] quadradas e redondas
- b. [foices] **há-as** ['a jɐʒ] de pica e **há-as** ['a jɐʒ] de corte

❖ Ocorre igualmente entre duas vogais de ponto de articulação diferente, vogal tónica central [a] à esquerda e vogal velar átona [u] à direita:

(6)

- a. engaços **há-os** ['a juʒ] de ferro e **há-os** ['a juʒ] de pau

Os exemplos (5) e (6), pouco numerosos, em que a posição do acento tónico se alterou, revelam um paralelismo de construção: a existência do verbo *haver* e um pronome clítico (cf. 1.2.2 e exemplo (17)).

1.1.3 Inserção de semivogal palatal antes (ou depois) de vogal palatal

A inserção de [j] é também muito produtiva num outro caso, semelhante ao já analisado no que diz respeito à posição do acento nas vogais afetadas, ou seja, vogal átona à esquerda e vogal tónica à direita. O que diferencia este do anterior (*cf.* 1.1.1) é o ponto de articulação das duas vogais em presença, que neste caso não é o mesmo: trata-se aqui de vogal central não acentuada à esquerda e de vogal palatal aberta ou fechada acentuada à direita:

(7)

- a. **a** erva [ɐ j'ervɐ]
- b. **uma** égua [umɐ j'ɛgwɐ]
- c. **está na** época [ʃt'a nɐ j'ɛpukɐ]
- d. **que boa** é [kʰ β'oɐ j'ɛ]!

❖ A vogal palatal tónica à direita pode ser fechada:

(8)

- a. **dizia** ele [diz'iɐ j'elɨ]
- b. **pagou** aos irmãos e **a** ele [pɐɣ'o awz irm'ɐwz i ɐ j'elɨ]
- c. **como** **a** este [komw ɐ j'ɛftɨ]

❖ A semivogal pode ocorrer entre vogal central não acentuada e ditongo decrescente de vogal de timbre palatal:

(9)

- a. **era** eu ['erɐ j'ew]
- b. **a** eira⁸ [ɐ j'ejrɐ] / [ɐ j'erɐ]

❖ As duas vogais podem ter o mesmo ponto de articulação, neste caso, palatal, e serem ambas abertas e acentuadas:

(10)

- a. **assim** **como** é esta [ɛ j'ɛftɐ]

⁸ O ditongo grafado <ei> tem, nos dialetos portugueses, diferentes pronúncias; nos dialetos setentrionais o ditongo mantém-se sob a forma [ej]; nos dialectos centro-meridionais deu-se a monotongação do ditongo sob a forma [e], com a exceção da manutenção do ditongo na área correspondente ao português-padrão. De notar, ainda, é a pronúncia lisboeta do ditongo que, por dissimilação, toma a forma [ɛj], pronúncia que se está a expandir.

- b. **é** essa [ɛ j'ɛsɐ]
- c. **é** erva [ɛ j'ɛrvɐ]
- d. **é, é** [ɛ j'ɛ]!

❖ Pode verificar-se também entre vogal tónica palatal aberta [ɛ] e vogal tónica palatal fechada [ɛ]:

(11)

- a. não **é** este [nẽw 'ɛ j'ɛfti]

❖ A inserção pode ocorrer também entre vogal central acentuada [ɑ] e vogal palatal aberta acentuada [ɛ]. Tal como no caso anterior, as duas vogais podem ser tónicas:

(12)

- a. o rastro **já é** ['ʒa j'ɛ] próprio daqui
- b. **já** era [ʒ'a j'ɛrɐ]

❖ Igualmente entre duas vogais tónicas diferentes, neste caso, a vogal palatal está à esquerda e a vogal à direita é central, podendo esta ser oral e nasal:

(13)

- a. aquilo **é água** [ɛ j'aɣwɐ]
- b. isso aqui **até há** [ɛt'ɛ j'a]!
- c. esta também **é água** [ɛ j'aɣjɐ]
- d. **até anda** [ɛt'ɛ j'ẽdɐ]!

A inserção de semivogal palatal antes de vogal palatal, aberta ou fechada, cobre uma área bastante mais extensa do que a que foi referida anteriormente para as vogais centrais (*cf.* 1.1.1) no Mapa 1. Leite de Vasconcellos, em 1901 (1970, p. 77), refere que é própria do Sul. No entanto, nos volumes de *Opúsculos*⁹, publicados anos mais tarde, estão exemplificados casos semelhantes àqueles que identificámos como mais frequentes (*cf.* exemplo (7)), recolhidos em vários pontos do Norte e Centro do país.

⁹ Os volumes de *Opúsculos* apresentam materiais recolhidos pelo autor em várias fases, alguns ainda nos anos 80 e 90 do séc. XIX e outros já no séc. XX. A coleção de *Opúsculos* contém, além de volumes dedicados à Dialectologia, volumes dedicados também à Filologia, à Onomatologia e à Etnologia.

Nos nossos materiais regista-se a presença de [j], no seu caso típico (entre vogal central não acentuada à esquerda e vogal palatal aberta tónica à direita: [ɐ j'ɛrvɐ] *a erva*, [ɐ j'ɛpukɐ] *a época*) em toda a área em que se verifica a inserção de [j] entre vogais centrais, ou seja, todo o Norte e parte do Centro, mas também em muitos pontos do Sul. Não me foi possível representar em mapa a sua distribuição, para o que seria necessário ouvir praticamente a totalidade dos materiais, dada a especificidade do tema, que não é objeto da transcrição normal do léxico. Nos dialetos insulares, tanto nos Açores como na Madeira, ocorre com frequência a inserção da semivogal palatal para evitar o hiato, nos contextos acabados de expor, contrariamente ao que acontece com as vogais centrais, em que apenas em algumas ilhas dos Açores se registaram casos pontuais.

1.1.4 Inserção de semivogal palatal antes de vogal velar

Com o mesmo contexto de ocorrência – vogal átona à esquerda e vogal tónica à direita – podem ocorrer ainda alguns casos, embora raros, de inserção de [j] antes [ɔ]:

(14)

- a. **a horta** [ɐ j'ɔrtɐ]
- b. **meia hora** [m'ejɐ j'ɔrɐ]

Como é natural, foram registados em dialetos setentrionais.

1.2 Inserção de semivogal velar [w]

Examinam-se agora casos em que o bloqueio do hiato é obtido pela inserção da semivogal velar, em contextos que não têm sido descritos e são, por isso, praticamente desconhecidos. A inserção da semivogal velar [w] ocorre, nos materiais analisados, principalmente nos casos que se indicam a seguir.

1.2.1 Inserção de [w] entre palatal ou central abertas e central fechada

A situação mais frequente ocorre entre duas vogais de pontos de articulação diferentes, uma palatal aberta [ɛ] e uma central fechada [ɐ]; a palatal tónica à esquerda e a central átona à direita:

(15)

- a. **é a** roda [ɛ wɐ r'ɔðɐ]
- b. e **é assim** [i ɛ wɐs'ĩ]
- c. o que sai da parreira **é as** vides [ɛ wɐz 'βidĩ]
- d. **é as** penas [ɛ wɐf p'enɐz] do rodízio
- e. o melhor do leite **é a** nata [ɛ wɐ n'atɐ]
- f. **é a** vida [ɛ wɐ 'βidɐ]!

A inserção da semivogal velar verifica-se também entre duas vogais com o mesmo ponto de articulação, neste caso duas vogais centrais, a primeira tónica [a] e a segunda átona [ɐ]:

(16)

- a. ali **está a** estação [ɛl'i ft'a wɐ ftɛs'ẽ w]
- b. vai lá **mostra(r) a** grade [muʃ'tra wɐ 'gradĩ]
- c. **será a** coruja [sĩr'a wɐ kr'uʒɐ]?
- d. **há a** giesta branca [a wɐ ʒj'ɛftɐ 'br ẽ kɐ]
- e. **está cá a** Maria [ft'a k'a wa mɛr'ivɐ]
- f. mete **lá a** lenha [m'eti l'a wɐ l'ɛjɲɐ]

Faz-se notar que, nesses casos, como os exemplos (15) e (16) mostram, as posições de tonicidade e atonicidade se invertem relativamente aos casos de inserção da semivogal palatal (pelo menos no que diz respeito às ocorrências mais frequentes desta, exemplificadas por *a* [j]árvore e *a* [j]erva); ou seja, a inserção da semivogal velar ocorre entre vogal acentuada à esquerda e não acentuada à direita. Particularmente no caso de (16), em que o ponto de articulação é o mesmo, ou seja, ambas as vogais são centrais (como as que vimos em 1.1.1), é, no entanto, a posição do acento tónico, à esquerda, que determina a seleção da semivogal.

Contrariamente também aos casos de inserção de semivogal palatal, o fenómeno tem uma vitalidade muito menor e um carácter, por assim dizer, mais restrito. São

fenómenos que se registam apenas nos dialetos setentrionais, ou que atingem só a parte mais a norte dos dialectos centro-meridionais (*cf.* Mapa 2). Os casos mais frequentes verificaram-se sobretudo na Beira Alta, mas também em parte de Trás-os-Montes, parte oriental do Minho, e na Beira Litoral confinante com a Beira Alta, revelando-se um fenómeno especialmente de regiões interiores, uma vez que não se recolheram atestações em localidades perto do litoral. Apesar de cobrir uma área de extensão significativa, tem mais vitalidade em falantes de menor escolaridade, parece-me. Enquanto exemplos como *a [j] água* para *a água* se ouvem, como já assinalado, em pessoas de todas as idades e graus de instrução, só ouvi casos como *é [w] a vida*, para *é a vida*, em situação de inquérito dialetal. É um caso que requer uma investigação sociolinguística que os nossos dados não permitem, visto os nossos informantes, homens e mulheres, pertencerem todos à mesma faixa etária (de uma maneira geral, maiores de 60 anos) e ao mesmo nível de instrução (pouco escolarizados ou analfabetos) e viverem em meios rurais ou piscatórios. Seria interessante inquirir, por exemplo, se, na área em que o fenómeno se manifesta, as gerações mais novas e escolarizadas o praticam.

Mapa 2 - Área de inserção de [w] anti-hiático



Fonte: Elaboração da autora com base no *corpus* dialetal do Arquivo Sonoro do CLUL

1.2.2 A semivogal velar em contexto pronominal

Um caso particular do bloqueio do hiato com a semivogal velar ocorre quando a vogal da direita é um pronome clítico, sendo a vogal da esquerda uma vogal central acentuada:

(17)

- a. (a cortiça) **já a** vendem [ʒ'a wɐ 'βẽdẽ]̃]
- b. **lá a** compunham [l'a wɐ kõp'uɲẽw]
- c. **já a** vi [ʒ'a wɐ βi]
- d. a ameixa **há a** vermelha e **há a** amarela⁹ [ʼa wɐ βĩɾm'eɫɐ i 'a wamɐɾ'eɫɐ]
- e. **há-as** a vender [ʼa wɐz ɐ βẽd'er]
- f. ao pé do poço, **há-as** lá [ʼa wɐz l'a]

Os exemplos (17 e, f) em que ocorre o verbo *haver* seguido de um pronome clítico são paralelos aos exemplificados em (5) ([foices] *há-as* [ʼa jɐz] *de pica e há-as* [ʼa jɐz] *de corte*) e (6) (*engaços há-os* [ʼa juz] *de ferro e há-os* [ʼa juz] *de pau*) com a inserção da semivogal palatal, que, nos nossos dados, é bem menos frequente. Quanto a esses casos de inserção de semivogal palatal, convém acentuar dois aspetos: (i) os poucos exemplos registados, que contradizem a posição de tonicidade que se reconhece aos casos de inserção da semivogal palatal (vogal tónica na 2.^a posição), ocorrem numa área de Trás-os-Montes em que não se registou a ocorrência da semivogal velar no caso típico aqui reportado, ou seja, entre palatal ou central abertas e central fechada (é [w] *a roda* para *é a roda*; cá [w] *a patroa* para *cá a patroa*) (cf. Mapa 2); (ii) independentemente de qual das semivogais é inserida neste contexto, parece-me que a própria construção de verbo *haver* e clítico pronominal terá um uso restrito no país.

A inserção de [w] é praticamente desconhecida da literatura sobre o hiato, que se limita quase exclusivamente à que refere a inserção da semivogal palatal entre vogais centrais. Leite de Vasconcellos refere a inserção de [w] em 1901, dando como exemplo do seu emprego apenas um dos casos, ou seja, aquele em que a semivogal velar antecede um pronome pessoal, e indicando a área geográfica em que ocorre “*já u a vi* (Norte, Centro e algumas regiões do Alto-Alentejo)” (Vasconcellos, 1970, p. 77). No entanto,

nos volumes de *Opúsculos*, já referidos, estão também exemplificados casos semelhantes àqueles que foram identificados como mais frequentes nos exemplos (15), e, como é natural, referenciados às mesmas áreas geográficas em que foram recolhidos. Convém referir que o Mapa 2 tem em consideração sobretudo a inserção de [w] entre palatal ou central abertas e central fechada (*é [w] a lua* para *é a lua*). Quer isso dizer que a ocorrência da semivogal velar a anteceder pronome clítico poderá ter uma maior extensão do que a registada no mapa, ou seja, registrar-se mais a Sul.

2 Alteração de timbre de uma ou de ambas as vogais em contacto

Apresentam-se agora casos em que as alterações que se manifestam em fronteira de palavra tomam a forma de alteração de timbre de uma das vogais em presença ou de ambas. Começo pelo caso de alteração apenas da vogal da direita, ou seja, da vogal (inicial) da 2ª palavra.

2.1 Alteração da vogal da direita

Em alguns dialetos setentrionais, verifica-se um interessante fenómeno que se regista quando se dá o encontro de duas vogais não acentuadas, [i] à esquerda e [ɐ] ou [u] à direita; esse encontro provoca a alteração do timbre da vogal da direita, para [a] (*cf.* 18) ou para [ɔ] (*cf.* 19), respetivamente:

(18)

- a. o pai **e a** [i a] mãe
- b. era eu **e as** [i aʒ] minhas irmãs
- c. (o ovo) tem a clara **e a** [i a] gema
- d. ir a Macedo **e a** [i a] Peso (da Régua)
- e. este [ancinho] tem quatro **e aquele** [i ak'eli] só tem três dentes
- f. marcam as que dão **e as** [i aʃ] que não dão leite

(19)

- a. o trigo **e o** [i ɔ] centeio
- b. éramos oito irmãos **e os** [i ɔʃ] meus pais, dez

- c. andava a cavar ele **e os** ['eli ɔʃ] filhos
- d. semeavam o feijão **e o** [i ɔ] milho em conjunto
- e. há o pinheiro manso **e o** [i ɔ] pinheiro bravo
- f. duas paredes **e o** [i ɔ] telhado **e a** [i a] porta

A grande maioria dos casos manifesta-se com os artigos definidos na posição da direita que, assim, assumem formas com vogal aberta [ɔ] e [a]. Não ocorre, contudo, exclusivamente com os artigos, como mostram os exemplos (18 d, e, f) em que à direita ocorre a preposição *a*, o demonstrativo *aquele* e o pronome *as*, respetivamente.

Poderá o fenómeno ser interpretado como tratando-se de casos de dissimilação para evitar hiato entre duas vogais fechadas, no caso de [i] e [u], e entre uma vogal fechada e uma média, no caso de [i] e [ɐ]?

O facto de ocorrer sistematicamente depois da conjunção coordenativa *e* leva Leite de Vasconcellos (1970, p. 121) a considerar a existência da preposição *a*, que provocaria a contração com o artigo, e daria lugar ao aparecimento dos sons correspondentes abertos: “Certaines phrases coordonnées se font accompagner de *a*, dans la même province [Trás-os-Montes] et dans d’autres: «o corpo e à cabeça», “a cabeça e ó (= ao) corpo””. A respeito do mesmo tipo de exemplos, é mais explícito quando diz nos *Opúsculos* “os artigos *o* e *a* tomam a forma *ó* e *á* (i.é, a+o a+a) quando estão repetidos em frases coordenadas, por ex: “o padrinho e à madrinha”, “a garrafa e *ó* copo”, “tu e à tua palavra” (Vasconcellos, 1985, p. 15s) e que “a repetição da mesma construção sintáctica fez com que se juntasse enfaticamente um *a* à segunda” (Vasconcellos, 1985, p. 32).

Essa situação ocorre em parte dos dialetos setentrionais, sobretudo no Norte da Beira Alta e em Trás-os-Montes, estendendo-se para a parte oriental do distrito de Braga e de Viana do Castelo¹⁰.

Um outro caso de abertura da vogal da direita que se verifica exclusivamente no arquipélago da Madeira toma as formas que se seguem.

A vogal central fechada [ɐ] é pronunciada como central aberta, [a], quando antecedida da palatal aberta¹¹ [ɛ]:

¹⁰ O fenómeno foi registado também na Galiza, em Bubaces, ponto fronteiriço muito próximo de Castro Laboreiro, no distrito de Viana do Castelo onde também foi registado.

¹¹ Esse fenómeno é também referido em Nunes (1965, p. 70) e em Rebelo (2005, p. 356).

(20)

- a. esta **é a** [ɛ a] mó de baixo
- b. e esta **é a** [ɛ a] pedra de cima
- c. aquilo **é a** [ɛ a] roda
- d. (o que cobre a maçaroca) **é a** [ɛ a] palha do milho
- e. supõe-se que isto **é assim** [ɛ asĩ]

Contrariamente ao caso referido anteriormente, em 2.1.1, em que a abertura da 2ª vogal ocorre exclusivamente depois de [i], que corresponde à conjunção coordenativa *e*, neste caso a abertura dá-se depois da vogal palatal aberta [ɛ], correspondente à forma verbal *é*. A vogal afetada pode não ser apenas o determinante feminino, como se verifica pelo exemplo (20 e), embora a ocorrência com o determinante seja a mais frequente.

2.2 Alteração de ambas as vogais

Mantendo a mesma estrutura sintática dos casos anteriores, ambas as vogais são modificadas, a da direita passa de fechada a aberta, como no caso acabado de referir, e a da esquerda é pronunciada como [i] ou [j]. Ou seja, pode passar de vogal palatal aberta [ɛ] a palatal fechada [i], ou tomar a forma de semivogal palatal, passando a formar ditongo crescente com a vogal seguinte, [ja]. Resumindo: a sequência de vogais [ɛ ɐ] é realizada com mudança de timbre como [i a] ou como ditongo [ja]:

(21)

- a. o trigo **é assim** [i asĩ] alto
- b. **é aqui** [i ak'i], olhe! (resposta a: “Por onde é que [o milho] corre?”)
- c. **é as** [i az] asas (resposta a: “O que o pássaro tem dos lados é o quê?”)
- d. **é a** mesma [ja m'eʒmɐ] coisa!
- e. **é a** [ja] lâ (resposta a: “E aquele pelo da ovelha que se aproveita?”)
- f. isto **é a** [ja] tampa

O que é constante nos vários exemplos é a abertura da vogal da direita, uma vez que a forma <é> tanto pode ocorrer com a realização [ɛ], como com a realização [i],

vocálica ou semivocálica [j], não se observando nenhuma alteração no contexto que possa condicionar a diferença, de que é testemunho a sequência seguinte:

(22) a. aquela cerca é **a** [ɛ a] cerca das couves, aquela cerca é **a** [ɛ a] cerca do milho, aquela cerca é **a** [ɛ a] cerca do feijão, aquela outra cerca é **a** [i a] cerca do trigo

Registraram-se também alguns casos, muito menos frequentes, de abertura da vogal da direita [u] (grafada <o>) em [ɔ]:

(23)

- a. é os [i ɔʃ] paus que se põem empinados
- b. é os [i ɔʃ] cornos (resposta a “O que é aquilo que a vaca tem à frente?”)
- c. é os [jɛ ɔj]¹² bifes

Nos vários exemplos reconhece-se, pois, uma diferenciação de [ɛ] + [ɐ] para [ɛ] + [a] num primeiro grau e num grau, digamos, mais extremado para [i] + [a], a mais frequente, seguida, por vezes de semivocalização de [i] em [j] e também uma diferenciação de [ɛ] + [u] para [i] + [ɔ].

Poderão essas alterações ser interpretadas como estratégias para evitar o hiato entre [ɛ] e [ɐ], o mesmo que, em parte dos dialetos setentrionais do continente, é evitado pela inserção da semivogal velar [w] que não ocorre nos dialetos madeirenses? Exemplificando: sequências como *é a roda* e *é assim* têm realizações como [ɛ wɐ 'ʀɔðɐ] e [ɛ wɐs'ĩ] em alguns dialetos setentrionais e *é a roda* / [i a] *roda*, e *é assim* [ɛ as'ĩ] / [i as'ĩ] nos dialetos madeirenses.

É importante referir que a vogal palatal [ɛ], correspondendo à forma verbal, ocorre muitas vezes realizada como [i] ou como um ditongo crescente [jɛ], independentemente do som que se lhe segue, como nos exemplos seguintes, quase todos surgidos como resposta a uma pergunta:

(24)

- a. é o ninho [i u l'ĩɲu] (resposta à pergunta “Onde é que a galinha põe o ovo?”)
- b. o louro é uma [i umɐ] coisa que tem bom gosto

¹² Na forma [ɔj] há a reter, por um lado, a abertura da vogal do determinante e por outro a realização como semivogal do /s/ final que vai formar ditongo com a vogal anterior, fenómeno muito frequente na Madeira e nunca referido em dialetos continentais (cf. Pestana (1965, p. 83-85 e 1970, p. 129-31), Segura e Saramago (1999, p. 724-28) e Segura (2013, p. 107-108)).

- c. é o sítio [i u 'sitju] da Terra Chã (resposta a “Como se chama este sítio?”)
- d. é os [jɛ uʒ] grelos (resposta a: “A couve começa a deitar umas coisas para cima”)
- e. e esta é a [jɛ a] pedra de cima
- f. é ferro [jɛ fʝ'ɛRU] em toda a roda

Exemplos como esses foram recolhidos nos sete pontos de inquérito que constituem a rede de pontos do arquipélago, seis na ilha da Madeira e um na ilha de Porto Santo.

Conclusão

Neste trabalho procurei descrever e caracterizar fenómenos que ocorrem em fronteira de palavras, ou seja, os contextos de ocorrência de inserção de semivogais para evitar o hiato entre vogais, e a alteração de timbre de uma ou das duas vogais em contacto, com ou sem o mesmo objetivo e, paralelamente, conhecer a extensão geográfica de cada caso, partindo da observação de materiais do Arquivo Sonoro do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. Embora o estudo não tenha sido exaustivo, revelou, creio, modalidades praticamente até agora desconhecidas. À inserção de semivogal palatal [j] entre vogais centrais, já amplamente conhecida, veio acrescentar-se a utilização da mesma semivogal junto de vogal palatal, utilização não totalmente desconhecida e, embora pouco frequente e talvez por isso desconhecida, também antes de vogal velar e, sobretudo, a ocorrência da semivogal velar [w] que, creio, essa sim, será praticamente desconhecida. De facto, a meu conhecimento, tal ocorrência não tem sido referida em trabalhos sobre essa área. Nas várias situações atestadas, foi cuidadosamente observada a qualidade das vogais em presença e sobretudo a posição do acento tónico das palavras envolvidas: a inserção de uma ou outra das semivogais está condicionada, por um lado, pelo ponto de articulação e, por outro, pelo acento, sendo que parece prevalecer o fator tonicidade. Os casos mais numerosos dizem, sem dúvida, respeito àqueles em que se encontra, à esquerda, a vogal central fechada e sem acento e, à direita, uma vogal acentuada, casos paradigmáticos de *a* [i] *alma*, *a* [j] *erva*. Nesse condicionamento, estando presente uma vogal tónica à direita, no início da segunda palavra, é a semivogal palatal que ocorre. Nos casos em que se inverte a posição de tonicidade, ou seja, vogal

tónica à esquerda e vogal átona à direita, casos típicos ilustrados por *é [w] a lua, há [w] as brancas e há [w] as amarelas*, é a semivogal velar que se apresenta. E essa é uma conclusão que se me afigura inovadora. Quanto aos casos de alteração de timbre de uma ou de ambas as vogais em contacto, são também praticamente desconhecidos na literatura e revelam-se casos de interpretação mais difícil, mas muito interessantes, requerendo estudos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS

- ARGOTE, Jeronymo. **Regras da Língua Portuguesa**. Lisboa: Officina da Musica, 1725.
- BAPTISTA, Cândida S. Costa. **O Falar da Escusa**, 1967. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras de Lisboa (policopiada), 1967.
- BARRETTO, J. Franco. **Ortografia da Língua Portuguesa**. Lisboa: Joam da Costa, 1671.
- BUESCU, M. Leonor C. **Monsanto. Etnografia e Linguagem**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
- LOPO, J. de Castro. Lingoagem Popular de Valpaços. **Revista Lusitana**, III, p. 325-329.
- NUNES, João da Cruz. 1965. **Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar**. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1965.
- OLIVEIRA, Pedro; PAULINO, Nuno; CRUZ, M.; VIGÁRIO, Marina. Onde (ainda ([j]) há o fenómeno? Contributo para o estudo da inserção de glide entre vogais centrais. *In*: MORENO, A.; SILVA, F.; FALÉ, I.; PEREIRA, I.; VELOSO, J. **Textos Seleccionados do XXIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Porto: APL, 2014, p. 419-436.
- OLIVEIRA, Pedro.; CRUZ, Marisa.; PAULINO, Nuno; VIGÁRIO, Marina. Glide insertion to break a hiatus across words in European Portuguese. *In*: BARBOSA, P. P.; PAIVA, M. C.; RODRIGUES, C. **Studies on Variation in Portuguese**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017, p. 50-79.
- PEREIRA, M. Fernanda A. A. **O Falar de Soajo**. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa (policopiada), 1970.

PESTANA, Eduardo A. Notas dialectais. Ilha da Madeira. Vol. I. **Folclore Madeirense**. Funchal. Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1965 [1940-41], p. 83-87.

PESTANA, Eduardo A. Recensão crítica a Francis Millet Rogers: Insular Portuguese Pronunciation: Madeira. *Ilha da Madeira*. Vol. II. **Estudos Madeirenses**. Funchal. Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1970 [1947], p. 129-135.

REBELO, M. Helena D. **O Falar de Porto Santo**: contribuição para o Estudo do Vocalismo e algumas Considerações sobre o Consonantismo. 2005. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) - Departamento de Estudos Romanísticos, Universidade da Madeira, Funchal, 2005.

SEGURA, Luísa. Variedades dialetais do Português Europeu. In: PAIVA RAPOSO, Eduardo Buzaglo *et al.* **Gramática do Português**. Lisboa: Gulbenkian, 2013, p. 85-142.

SEGURA, Luísa; SARAMAGO, João. Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais. In: FARIA, Isabel H. (org.) **Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão**. Lisboa: Edições Cosmos e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 1999, p. 707-738.

VASCONCELLOS, J. Leite. Dialectos alentejanos. **Revista Lusitana**, IV, 13-77; 1896, p. 215-246.

VASCONCELLOS, J. Leite de. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970.

VASCONCELLOS, J. Leite de. **Opúsculos** volume II, Dialectologia (Parte I). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.

VASCONCELLOS, J. Leite de. **Opúsculos** volume VI, Dialectologia (Parte II). Ed. M. Adelaide V. Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.